

ASSOCIATIVISMO NEGRO EM TERRAS SULINAS: DAS IRMANDADES AOS CLUBES PARA NEGROS EM PELOTAS (1820-1943)¹

Fernanda Oliveira da Silva*

Resumo: O artigo analisa as associações negras pelotenses que permitiram a constituição de uma identidade negra positiva percebida em relação direta com o contexto relacional vivenciado em âmbito nacional e internacional. Destacamos ainda a busca por um entrelaçamento entre diferentes associações, tendo como ponto em comum a identificação racial mediada pela busca por uma posição social diferenciada. Diretamente vinculado ao período do pós-abolição, almejava-se a cidadania em uma sociedade ainda muito preconceituosa racialmente. A delimitação espacial focaliza o estudo na cidade de Pelotas, localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1820 a 1943. Tem início com a criação da primeira irmandade negra em 1820. Dentre as associações, destacamos o surgimento dos clubes sociais negros (1917-1931) e suas atividades em conjunto, com ênfase para o surgimento da Frente Negra Pelotense (1933) e para a busca por uma identidade racial que fosse comungada por todo o grupo negro local.

Palavras-chave: negros, associações negras, identidade.

Abstract: This article analyze the associations of Afro-Brazilians in Pelotas that allowed the constitution of a positive black identity, perceived in direct relation to the national and international relational context they experienced. We also identified the effort to construct a network of the different associations, which was based on racial identity mediated by the search for social distinction. In the post-abolition period, these actors wanted citizenship in a very racially prejudiced society. The study concentrates on the city of Pelotas, located in the far south of Rio Grande do Sul, between 1820 and 1943. Have begin which the creation first black religious brotherhoods in 1820. Among these associations, we emphasize the emergence of Afro-Brazilian social clubs and their collaborative activities, with central emphasis on the Frente Negra Pelotense and the search for a common racial identity among local blacks.

Key-words: Afro-Brazilians; associations of black people; identity.

* Mestre em História (PUCRS) e Tutora do Centro de Educação a Distância - UFPel

1. Primeiras organizações negras

Pelotas é uma cidade localizada no estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil, a qual ganhou importância econômica em função das charqueadas que começaram a se instalar ali a partir do último quartel do século XVIII. As charqueadas foram se instalando ao longo do Canal de São Gonçalo e, logo, estabeleceu-se um importante polo charqueador na cidade; consequentemente, houve grande presença da mão-de-obra negra, que foi utilizada em tais estabelecimentos e naqueles derivados, subsidiários dos produtos da charqueada, como curtumes, fábricas de sabão, de velas, etc. A quantidade expressiva de estabelecimentos saladeiris acarretou um importante desenvolvimento econômico, político e cultural na então Vila de São Francisco de Paula, sendo esse desenvolvimento de caráter eminentemente elitista (MAGALHÃES, 1993).

Os princípios do associativismo negro na cidade de Pelotas deram-se com o estabelecimento das irmandades, a partir de 1820. Essas irmandades leigas alcançaram importante grau de organização frente à sociedade local. Entre 1820 e 1831, foram criadas três congregações: Irmandade de Nossa Senhora da Conceição (1820-1915), Irmandade de Nossa Senhora de Assumpção da Boa Morte (1829-1918) e Irmandade do Rosário (1831-1918). Em novembro de 1820, um grupo de homens pretos, pardos, livres e cativos, sob a coordenação do preto forro João Pedro da Motta, recebeu a concessão do Vigário da Freguesia de São Francisco de Paula para organizar uma irmandade, a qual foi denominada *Irmandade de Nossa Senhora da Conceição*². O registro no Livro do tombo da Freguesia de São Francisco de Paula apresenta os seguintes aspectos em referência a essa devoção de negros na localidade:

Instituição da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição na Matriz da cidade de Pelotas

Em 26 de novembro de 1820, reuniram-se os homens de cor, pardos e pretos livres e cativos tendo à testa o preto forro João Pedro da Motta, formaram a Irmandade obtendo do nosso vigário e da Irmandade do Santíssimo Sacramento² um altar [...] e em dezesseis de dezembro do mesmo ano fizeram perante o vosso vigário um compromisso que além da festividade a Nossa Senhora, no dia oito de dezembro, tendia a beneficiar os irmãos e irmãs que empobrecessem, e a qualquer outro necessitado que requeresse socorro independente de ser irmão conforme as forças da Irmandade; e também para dar mortalha e conduzir ao cemitério tanto aos irmãos como a qualquer necessitado: não declarava se era só para a gente de cor, o que da a conhecer que seria para todos em geral. [...] Até 1836 seguiu a Irmandade o seu compromisso fazendo festinha a Nossa Senhora com nomeação de Protetores e juizes por devoção de pessoas abastadas ou de influência do lugar, mas, juizes, freiras e mesários irão sempre dos seus irmãos de cor. [...] Em 9 de maio de 1847 fez a Irmandade já composta de quase tudo gente nova e grada e de poucos irmãos dos antigos fez um novo compromisso com 52 artigos aprovados pelo Reverendíssimo e excelentíssimo senhor Dom Manoel Monte Avis Araújo, Bispo do Rio de Janeiro por Provisão de 13 de dezembro do mesmo ano e por Carta Imperial de 13 de Maio de 1848, Assinada por Sua Majestade Imperial e por Seu Ministro de Estado O Conselheiro José Antonio Pimenta Bueno declarando esse compromisso de só se admitirem para Irmãos pessoas livres e de exemplar conduta (LT-CSFP, p. 119-120).

Não é permitido inferir o número de irmãos da irmandade, a fim de que se estabeleça o alcance que podem ter obtido. Porém, esse impedimento não inviabiliza o objetivo de traçar o princípio do que se caracteriza como uma rede social negra a partir de associações negras com interesses diferenciados, mas voltados para os negros. Nesse sentido, destaca-se a preocupação dos negros para com a condição de miserabilidade que poderia alcançar os seus irmãos de cor, tanto em vida quanto em morte, face então à necessidade de planejar a aquisição de pecúlio, a fim de poder oferecer um funeral digno aos seus membros e familiares. Essa preocupação ficou evidente ao terem todas as irmandades negras aqui descritas adquirido catacumbas junto ao cemitério local³. A preocupação com um funeral digno foi uma constante na configuração das irmandades, como destacou Karasch (2000).

Essa organização caracteriza-se como um espaço de negociação alcançado pelos escravos e negros livres na sociedade pelotense de inícios do século XIX, com influência dos negros oriundos do espaço das charqueadas. O censo de 1814 indicou uma população de 2.419 habitantes na freguesia, sendo que, destes, 1.226 eram escravos (ARRIADA, 1994). Ou seja, é possível inferir que, embora boa parte dos escravos se restringisse ao espaço das charqueadas, parcela considerável já se encontrava no espaço urbano, e mesmo os rurais podiam ir à cidade – e, com certeza, iam, principalmente no período da entressafra.

O fragmento referente à devoção, recentemente transcrito, indicou o interesse em atender a comunidade em geral, mas também explicitou a preocupação para com os seus como o objetivo norteador da irmandade, o que, por certo, conferia um *status* diferenciado aos membros aceitos como irmãos de devoção. Sobre esse aspecto, cabe salientar que não havia indicação explícita de discriminação quanto à cor dos membros que eram aceitos, porém, o fato de terem sido fundadores homens pretos e pardos, assim como a não aceitação por parte das duas irmandades existentes, então formadas por pessoas abastadas da região⁴, indicava o objetivo de congregarem-se entre os *seus*. Os três registros pesquisados indicam um recesso entre os anos de 1835-1845, o que, provavelmente, está vinculado ao período de guerra enfrentado no Estado, a Guerra dos Farrapos, na qual muitos escravos foram incorporados ou tiveram de se retirar para as estâncias com seus senhores, abandonando o espaço urbano em que se congregavam.

Já a parte final do fragmento anteriormente descrito evidencia a percepção da necessidade de controle por parte das autoridades eclesiásticas, as quais refletiam os anseios da classe dominante saladeiril, que tinham o intento de conter seus cativos e suas formas de organização. Nesse sentido, é importante destacar que a medida de proibir escravos na irmandade foi em meados do XIX (1848). A cidade de Pelotas, na década de 30 do mesmo século, lidou com o assombro causado pelos aquilombamentos, quando se formou o quilombo do Manuel Padeiro.

Destaca-se, ainda, que essa foi uma época de temor geral, em virtude da Revolta dos Malês, na Bahia, Revolta dos escravos de Carrancas, em Minas Gerais e, principalmente, devido à Revolta do Haiti, que manteve em alerta as autoridades de locais com presença escrava, visando impedir um *haitianismo*. Era de interesse desses senhores evitar possíveis contatos e possibilidades de que as irmandades configurassem-se em espaços de organização de revoltas. Aos senhores, cabia manter a ordem por meio de suas medidas repressoras ou

paternalistas, quando possível; aos negros, cabia criar um campo de possível negociação. Lembrando que o fato de ser livre em uma sociedade escravocrata não era sinônimo de direitos iguais, mantinha-se uma carga extremamente pejorativa sobre essas mulheres e homens negros.

Essas iniciativas não tardaram a encontrar adeptos entre outros segmentos dos negros locais, surgindo, então, duas novas irmandades, em um espaço de onze anos: Irmandade de Nossa Senhora Assumpção da Boa Morte (1829 - 16/04/1918) e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (1831 - 16/04/1918). Apresentavam a mesma organização e objetivos semelhantes, estabelecidos mediante compromisso e, também, evidenciavam a distinção objetivada dentro do grupo negro organizado. Assim, diferenciavam-se dos *outros*, estabelecendo fronteiras para com irmãos de cor que não tinham o mesmo ideal e, talvez, até mesmo não irmãos de condições econômicas diversa, o que evidencia o caráter relacional da identidade, descrito com precisão por Frederik Barth (1998).

As irmandades negras continuaram exercendo suas atividades ao longo do século XIX. As fontes estudadas para esta pesquisa apontam que a década anterior à abolição viu o florescer de novos objetivos e possibilidades para a organização negra pelotense. As associações negras surgidas nos últimos anos do regime escravo na cidade possuíam um caráter mais abertamente vinculado à libertação dos escravos. Havia associações voltadas para o grupo negro em geral – como a Feliz Esperança, surgida em 1878, que aceitava escravos em seu quadro associativo – e as voltadas para parcelas daquele grupo de acordo com a qualificação profissional – como as beneficentes Fraternidade Artística, fundada por artesãos negros em 28 de outubro de 1880, e a Harmonia dos Artistas, fundada em 1881.

A *Feliz Esperança* surgiu do objetivo de adquirir fundos para a libertação dos escravos, por meio de apostas na loteria. Apareceu em 1878, com o nome *Associação Lotérica Beneficente Feliz Esperança*; provavelmente, encontra-se aí o fundamento para o nome da associação, pois era uma *feliz esperança* compartilhada por negros, escravos e libertos de, lançando-se à sorte, conseguir fundos para a libertação⁵. No ano de 1880, a associação adotou o nome de *Sociedade Beneficente Feliz Esperança*.

Em 1881, o presidente dessa associação era um negro cativo, Justo José do Pacífico, o qual foi beneficiado com a liberdade um ano depois, pelo fundo de emancipação, podendo ter-se utilizado do papel que desempenhava nessa associação para ser bem visto pelas autoridades locais. O fato de estar desvinculada da supervisão da Igreja foi responsável pela diferenciação nos objetivos dessa associação em relação às até então existentes, ou seja, as irmandades; isso pode ter auxiliado na configuração de uma rede social negra diversificada.

Essa associação ocupou lugar de destaque entre as associações negras e abrigou em sua sede uma série de outras associações não somente étnicas, mas também congregadoras de trabalhadores em geral. A associação esteve envolvida com o movimento abolicionista na cidade de Pelotas, participando das comemorações de 1884, ano de emancipação dos escravos mediante contratos. A *Feliz Esperança*, além disso, caracterizou-se como a primeira associação aberta a negros que manteve aulas, as quais eram administradas à noite, visando o atendimento aos trabalhadores negros. Manteve-se em funcionamento até 1917, data em que pode ter sido absorvida pelo clube social negro *Depois da Chuva* (LONER, 2008).

A busca por instrução dos negros pelotenses foi uma *estratégia* utilizada a fim de inculcar valores positivos, além de ensinamentos práticos. Tinham como intuito demonstrar que, embora excluído socialmente, o negro tinha todas as condições para viver em sociedade e ser parte dela, ou seja, ser um cidadão. Essa iniciativa, porém, foi temida pela elite pelotense, que, ciente das discussões abolicionistas em nível nacional, assim como do alto contingente de negros libertos e pessoas de outras etnias em condições menos abastadas na sociedade, buscou oferecer aulas ao grupo, inculcando-lhe valores pertinentes ao regramento pretendido pelos mandatários locais. Esse regramento visava uma classe trabalhadora ordeira que, mais cedo ou mais tarde, ocuparia o lugar dos escravos, visto que a abolição se anunciava.

A expressividade em levar educação às classes menos abastadas e, por conseguinte, aos negros, de iniciativa da elite pelotense, concretizou-se na criação, pela Biblioteca Pública Pelotense (BPP), dos cursos noturnos masculinos de instrução primária, em 1877. Em 1882, criou-se uma nova associação por um grupo de negros, libertos e escravos, que podia incorporar brancos que compartilhassem do ideal abolicionista, objetivando “acumular pecúlio para a compra de alforria de familiares e entes próximos” (MELLO, 1994, p. 48). Essa associação recebeu o nome de *Sociedade Emancipadora Deus, Fé e Caridade*, e apresentava uma configuração semelhante às irmandades negras leigas. Tal associação, tendo o intuito de libertar negros, surgiu em virtude das condições rígidas e de controle existentes nas associações emancipacionistas existentes até então, que estavam de acordo com os moldes da sociedade branca preocupada com o regramento da mão-de-obra.

Uma última iniciativa negra ainda *anterior* à abolição deu-se em 1884, pela criação da associação de representação política *Centro Ethiópico*. De acordo com estudo realizado por Loner (2008, p. 249), esse Centro “funcionaria pela agregação de comissões que incluíam a representação de etnias originais africanas e das entidades locais”; em 1886, o *Centro* editou um jornal em número único, de nome *O Ethiópico* (LONER, 2008, p. 253). O dado importante a se considerar, sobre essa associação, é que a mesma já apresentava uma característica forte do pós-abolição.

Esse período chamado de “pós-abolição”, por sua vez, não é concebido enquanto estanque e imediatamente posterior a 13 de maio de 1888. Representa, na verdade, um momento em que os objetivos davam-se em virtude da busca por direitos em uma sociedade emancipada, porém na qual os negros beneficiados com a emancipação de 1884 não eram escravos nem livres, mas contratados. Assim, a experiência do cativo ainda era muito marcante, e a sociedade os condicionava a posições secundárias.

Nesse contexto, embora vigorasse a negativa de os negros participarem em momentos historicamente importantes, como o foi na luta pela abolição na cidade, houve a promoção de ações objetivando comprar cartas de alforria; conseqüentemente, houve repressão policial. Dessa forma, cabia aos negros “uma liberdade cerceada, vigiada, além de serem objeto de toda uma já consolidada mentalidade que o via como inferiorizado, indolente e, sobretudo perigoso” (MELLO, 1994, p. 137). Essas ideias, de ambos os lados, permearam todo o período de transição e esteve no cerne das motivações da criação de novas associações pelos e para os negros no pós-abolição. Tais Associações serão descritas a seguir.

2. O pós-abolição e a criação de novas associações negras

O pós-abolição continuou a visualizar uma série de associações negras e a proporcionar o surgimento de novas entidades, entre as quais podemos destacar a agência negra. O aporte advindo de diferentes contextos relacionais proporcionou um diálogo com estudos que adotam a percepção do negro enquanto agente de sua história. Essa agência negra foi salientada em diversos estudos que se desenvolveram principalmente após a década de 1980, e centraram suas análises sócio-históricas em sociedades escravistas, mas também no pós-emancipação⁶.

A situação contextual e situacional possível de ser visualizada a partir desses estudos, somada à interpretação das fontes disponíveis referentes às associações negras pelotenses, proporciona a interpretação das primeiras irmandades negras pelotenses como espaços de busca por uma identidade social positiva, e das associações criadas em função da abolição como espaços de formação de uma identidade racializada que se pretendia positiva.

O pós-abolição é percebido, neste estudo, como o período em que parcela dos negros pelotenses se conscientizou da sociedade discriminatória em que viviam e da manutenção desse preconceito pelo governo nacional. Essa conscientização fez com que os negros soubessem da necessidade de tomarem para si próprios a tarefa de emancipação, que só seria alcançada na coletividade.

Porém, não se deve incorrer no risco de tomar os negros como um grupo homogêneo. Isso porque essa coletividade, embora pareça ambígua num primeiro momento, era comungada por grupos diferentes dentro do grande grupo negro. A identidade negra do período, então, não estava em contraste apenas com os não-negros, mas com os negros que não comungavam da percepção da discriminação racial e da necessidade de união. Essa ideia foi defendida e efetivada pela FNP, da qual muitos membros diretivos dos clubes sociais negros participaram, unindo-se em prol do fim dos preconceitos raciais, que apenas seria superado através da instrução.

O pós-abolição e a chegada da República foram caracterizados por um alto grau de preconceito na cidade, o que impulsionou a união de inúmeros trabalhadores negros que continuaram morando e, conseqüentemente, trabalhando na referida cidade. Esses homens e mulheres negras, seguindo os passos de seus antepassados, fizeram surgir uma gama de associações negras de caráter diferenciado no referido período. Tal período, localizado entre a década final do XIX e as três primeiras décadas do XX, comportou o surgimento de várias associações, vinculadas a diferentes categorias, fossem essas de trabalho ou voltadas à sociabilidade.

Essas associações foram criadas principalmente em decorrência da manutenção do preconceito na cidade, que impedia a participação de negros em associações existentes e até mesmo em locais públicos. Tal caráter discriminatório fez com que a identidade negra se fizesse perceber com maior ênfase, o que motivou a criação das novas associações, as quais objetivavam a defesa dos direitos dos negros; tratava-se de uma franca evidência da busca pela cidadania dentro do grupo negro. Foi justamente essa busca que faz necessário destacar a criação do *Centro Etiópico Monteiro Lopes*, criado em 1909.

Esse Centro possibilitou que se irradiasse uma rede de movimentação negra a partir da cidade, congregando diferentes segmentos não apenas em Pelotas, mas em cidades da região sul do Estado, as quais desenvolveram um amplo diálogo com o governo nacional.

No que diz respeito aos estudos científicos sobre o tema, existe a necessidade de interpretação das associações negras vinculadas a diferentes dimensões e de atentar para suas redes de movimentação e os objetivos que permeiam o tempo. Nesse sentido, as análises que estão centradas na percepção do continuum e/ou da ruptura tendem a possibilitar uma visualização dos problemas que norteiam a situação racial negra, seja ela brasileira ou não.

Vê-se que, ainda hoje, as discussões que buscam medidas capazes de modificar a situação dos negros – como, por exemplo, as ações afirmativas no Brasil, mais especificamente nas universidades brasileiras – evocam a história e tendem a relacionar uma suposta desorganização e falta de unidade dos negros à ocupação de posições inferiores em contraste explícito com os não negros. Nesse sentido, e já naquele tempo, Os Clubes Negros, aliados à perspectiva desenvolvida pelo jornal negro *A Alvorada* e a pela Frente Negra Pelotense, colocam em evidência os objetivos em comum, o entendimento que tinham da discriminação racial vigente e a rede que continuaram a constituir e irradiar, conforme se destaca na sequência deste artigo.

2.1 Os Clubes sociais negros, jornal *A Alvorada* e a Frente Negra Pelotense

Os clubes negros pelotenses eram reprodutores de uma ordem vigente na época histórica abrangida, porém, compreendemos no presente estudo que os mesmos não deixavam de se constituir como local de valorização moral e intelectual para a parcela negra congregada. Sendo assim, buscamos a relação dos clubes com as ideias propagadas pelo *A Alvorada* e a Frente Negra Pelotense, no tocante à organização racial negra, dando sequência àquela organização iniciada com as irmandades negras, dialogando, então, com um contexto histórico advindo da abolição. Para tal, o trabalho insere-se no uso e discussão do conceito “raça”, uma vez que:

[...] aparece a necessidade de teorizar as ‘raças’ como elas são, ou seja, construtos sociais, **formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas socialmente eficaz para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios.** Se as raças não existem num sentido estrito e realista de ciência, ou seja, se não são um fato do mundo físico, elas existem, contudo, de modo pleno, no mundo social, produtos de formas de classificar e de identificar que orientam as ações humanas (GUIMARÃES, 2005, p. 67) (grifos meus).

Referenda-se, assim, a posição de que a raça deve ser vista como constructo social e não biológico. Raça tem existência nominal, efetiva e eficaz no mundo social e é de extrema importância abordar tal conceito a fim de compreender diferentes meandros da história do racismo. Faz-se necessário, então, buscar a ação da elite relacionada com a ação popular, estudando as condições econômicas

e sociais, desvelando, desse modo, características da *branquidade*⁷ que regem a ação da elite. A utilização do aparato do significado da *agência histórica* auxilia no objetivo geral deste trabalho.

Percebemos os espaços associativos como importantes no tocante à constituição de uma identidade negra positiva aos membros constituintes dos clubes negros pelotenses. Esses negros já possuíam a *experiência* da formação de espaços sociais que os possibilitassem não apenas à sociabilidade, mas também à afirmação perante uma sociedade altamente discriminatória em relação à cor da pele de seus membros.

As primeiras décadas do século XX caracterizaram-se por uma nova orientação nos objetivos das organizações dos negros em Pelotas. Entre essas organizações se destacaram os Cordões especificamente voltados aos negros – *Depois da Chuva* (19/2/1916), *Chove Não Molha* (26/2/1919), *Fica Ahí P'ra Ir Dizendo* (27/01/1921), *Quem Ri de Nós têm Paixão* (1921) e *Está Tudo Certo* (1931) – e a Liga de Futebol Independente José do Patrocínio. Dessas organizações, apenas os clubes *Fica Ahí* e *Chove Não Molha* mantêm-se em funcionamento atualmente.

Os Cordões serviam como reduto da raça negra, fruto da discriminação vigente na cidade que impedia a participação de negros nos demais clubes sociais, tidos como clubes de branco. Assim, os Cordões passaram a agir como importantes idealizadores da união da raça negra, traçando metas de ação que ora assemelham-se à consolidação de uma identidade negra, ora a uma assimilação dos valores vigentes na sociedade dominante, composta predominantemente por brancos, e ora mesclam esses elementos em busca de uma via alternativa de sobrevivência e inserção na sociedade brasileira.

Essas organizações informavam suas atividades a seus coirmãos e sócios, principalmente com o auxílio da imprensa, mas não a imprensa da elite – embora essa proporcione indícios – mas sim a dita imprensa negra. A imprensa negra, seguindo as considerações de Santos (2003), constituiu-se no final do século XIX, com circulação mais restrita à comunidade negra. Entre seu conteúdo, encontram-se a divulgação de festas em entidades sociais onde se concentravam principalmente negros e outros anúncios (reuniões operárias aparecem muito, mostrando que não estavam isolados num “gueto”), assim como a veiculação de artigos relacionados ao discurso de inferioridade racial, ora opondo-se, mas ora reproduzindo-o.

Encontra-se nesse aspecto o que marcadamente a caracteriza enquanto imprensa negra: a *defesa* da comunidade negra. O principal órgão divulgador das ideias centrais aos negros da cidade de Pelotas e região foi o hebdomadário de maior circulação no Estado e talvez no próprio país, em relação aos jornais da imprensa negra: *A Alvorada* (1907-1965). Em Pelotas, o trânsito dos membros entre o jornal, cordões e associações operárias não foi diferente.

Os clubes colocavam-se, à primeira vista, como mero espaço de sociabilidade, mas a organização e as práticas de controle deixam entrever a necessidade constante de colocarem-se como iguais à sociedade branca, vista enquanto modelo a ser seguido, a fim de ascenderem socialmente e barrarem o preconceito, o que, em muitos aspectos, contribui para que suas ações sejam tidas como sinal de branqueamento. Porém, nesse ínterim há uma gama de acontecimentos possíveis de serem interpretados a partir das ações desses sujeitos. Esses, embora calcados na sociedade branca, buscaram, à sua maneira, se ajustar a fim de serem aceitos por tal sociedade.

Os Cordões apresentavam uma organização bem rígida e definida mediante assembleia geral. Na 1ª diretoria, estavam presentes os seguintes cargos: presidente, vice-presidente, primeiro-secretário, segundo secretário, tesoureiro, Primeiro Orador, Segundo Orador, Porta Estandarte, diretor musical e diretores, diretor de mês.

Com exceção do Clube Quem Ri de Nós tem Paixão, fundado em 1921, todos os demais clubes possuíam sede localizada no centro da cidade. Até o momento, podemos afirmar que os clubes Depois da Chuva, Chove Não Molha e Fica Ahí pra Ir Dizendo possuíam sede própria, sendo que os dois últimos se mantêm em funcionamento ainda hoje, conforme já foi referido. O clube Depois da Chuva inaugurou sua sede própria doze anos após sua fundação e manteve-se em funcionamento até meados da década de 1980. Atualmente, existe uma comissão de ex-sócios e militantes do movimento negro da cidade com o intuito de reaver sua sede, que foi destituída e transformada em um estabelecimento privado. De acordo com a memória local, abrigaria extratos mais desprovidos economicamente entre seus associados, sendo costumeiramente denominado de clube dos cisqueiros ou lixeiros, em referência à profissão de seus fundadores.

Os clubes Quem Ri de Nós tem Paixão, fundado em 1921, e o Está Tudo Certo, de 1931, foram os clubes com menor duração, mas nem por isso menos importantes. Acredita-se que ambos tenham existido por cerca de duas décadas. O Está Tudo Certo teve como seu grande mantenedor um dos donos do jornal *A Alvorada*, Juvenal Penny, sendo presente na memória local a sugestão de que ele tivesse criado esse cordão para os jovens aproveitarem o carnaval e que tivesse grande vinculação com o cordão do Fica Ahí (SILVA, 2011).

A experiência advinda dos anos de associativismo negro, somada à manutenção do descaso do poder público, fez com que os negros adentrassem no cenário político da vida republicana propondo condições melhores de vida aos seus (DOMINGUES, 2008, p. 61). Foi nesse íterim que a intelectualidade brasileira desenvolvia, sob os preceitos do executivo nacional, a incumbência de conferir uma identidade nacional ao Brasil⁹. Destacavam-se, então, os escritos do sociólogo Gilberto Freyre, os quais traziam com mais veemência à baila a noção de democracia racial brasileira e uma suposta igualdade de condições entre negros e brancos no país.

Embora os escritos de Freyre estivessem propagando uma democracia racial no país, não era isso que se constatava na prática, o que motivou que as associações negras do pós-abolição passassem a evidenciar em suas propostas o combate à discriminação racial. Foi nesse período que surgiu a organização política negra de maior alcance no país: a *Frente Negra Brasileira*. De acordo com Domingues (2008):

Para alterarem esse quadro de restrições (ou violações) de direitos e conquistarem o devido espaço no seio da nação, os descendentes de africanos de São Paulo fundaram a *Frente Negra Brasileira* (FNB), em 1931. [...] Assim, [...] vieram a lume para se insurgir contra o “preconceito de cor” e pugnar para que o negro brasileiro conquistasse o plano exercício da cidadania (DOMINGUES, 2008, p. 60).

Essa entidade, fundada em São Paulo, encontrou adeptos em Pelotas, entre os quais muitos já eram pertencentes aos quadros dos clubes sociais negros existentes na cidade e membros do corpo editorial do jornal *A Alvorada*. A partir de então, foi possível perceber uma grande interlocução entre membros do referido jornal, dos clubes e da associação negra que fundaram – *A Frente Negra Pelotense* (1933-1937).

Em 1932, já é possível captar nas páginas do hebdomadário a ideia que se encaminha para a fundação de uma entidade de defesa e conscientização da raça em Pelotas, seguindo os moldes da *FNB*, conforme se percebe no fragmento de artigo escrito por um dos contribuintes do jornal, o líder negro Rodolpho Xavier:

[...] S. Paulo, neste momento, indica o caminho a seguir pela Raça Negra, em todo o Brasil, preparando-a para o futuro não como serva das outras raças, mas **ciente e consciente de seu valor moral, cívico e intelectual**, como parte integrante do povo brasileiro.

[...] A Raça Negra, a par dos desportos e festas carnavalescas, **deveria em primeiro lugar, instruir-se no seu principal papel para a conquista de seus direitos á cidadania e tão espeziñados pelas outras Raças.**

Não temos associações de classe para defesa dos trabalhadores, não temos associações beneficentes, não temos associações de espécie alguma que ampare a nossa invalidez, ou que pugne pelos direitos de qualquer um individuo de cor preta quando seja preciso defendê-lo de arbitrariedades, sejam elas quais forem.

Desde 1908, como podem atestar as colunas da “Alvorada”, que viemos combatendo a falsa orientação seguida pela Raça Negra de Pelotas.

Agora, porém, temos o imenso prazer de ver que os homens de cor preta do mais progressista Estado do Brasil, rumaram ao verdadeiro caminho desfaldando as mesmas ideias! (*A Alvorada*, 28/02/1932, p.1, grifos meus).

Como se vê, a passagem, especialmente nos trechos grifados, mostra o ideal de constituir-se uma organização que defendesse os negros em geral quando estes se sentissem privados de algum direito. Sendo assim, não pugnavam apenas por propiciar o encontro de iguais, mas a defesa dos membros de uma mesma associação. Realizavam, então, uma crítica às associações bailantes étnicas, principalmente as negras, visto não propiciarem discussões políticas de defesa de raça negra, embora tenham sido criadas em decorrência de os clubes sociais brancos, determinados locais privados e até mesmo públicos impedirem a presença de negros.

Em mesmo artigo, o redator do jornal que viria a constituir-se enquanto porta-voz da Frente pelotense, Rodolpho Xavier, destacou o seguinte:

Apelamos destas colunas aos intelectuais decentes da raça, pois que, aqui os há e competentíssimos, para a fundação de um Centro de Cultura igual aos da Frente Negra de S. Paulo, abstraindo discussões de raças e de preconceitos, **tendo em vista exclusivamente o levantamento moral e intelectual da raça por meio de reuniões e preleções, de aulas noturnas e tudo quanto possa cultivar a inteligência da mocidade.**

Apelamos dessas colunas para os diretores de sociedades recreativas, de cordões e de esportes da raça negra de Pelotas, de Jaguarão e Cacimbinhas a concretizar este apelo dentro de suas sedes e possibilidades pelo ideal – Instrução e Cultura – promovendo conferências, em datas respectivas, que digam respeito a Lei de 28 de setembro, a de 13 de maio, a Campanha Abolicionista e aos Vultos representativos da raça nas armas, nas letras e nas artes e bem assim dos fastos principais da história-pátria (grifos meus).

A passagem destacada demonstra a característica principal da *FNP*: a busca pela educação como via de ascensão social, preocupação recorrente no Brasil entre as associações negras já anteriores à abolição. A Frente, embora tenha criticado as associações bailantes negras, desenvolvia atividade intensa nas sedes dos clubes sociais, sendo que a segunda parte da citação anterior pode estar fazendo referência ao que iria concretizar-se com *A Hora da Raça*, na qual eram desenvolvidas palestras e conversas nas sedes sociais negras, levando aos coirmãos discussões raciais – evocando os antepassados – e de interesse dos trabalhadores nacionais.

A *FNP* buscou uma unidade entre os negros pelotenses, com destaque para o alcance que teve entre os clubes negros; buscou ainda uma unidade de identidade dentro do próprio meio negro. Essa percepção fica evidente nos artigos veiculados pelo jornal *A Alvorada*, o qual foi o porta-voz das ideias da referida associação político-educacional. As associações negras criadas e/ou mantidas na década de 1930 e nos anos iniciais da década de 1940 permitiram perceber a manutenção de uma rede de movimento social negro na cidade de Pelotas. Essa percepção foi tida a partir de um mapeamento das lideranças negras encontradas, no pós-abolição, militando em diferentes associações, assim como a partir das ações empreendidas em conjunto pelas associações pelotenses entre si e/ou com associações de outras localidades em prol dos interesses negros.

Nesse sentido, o ponto principal deste artigo está em perceber as associações negras mantidas nos moldes das associações tradicionais da elite branca enquanto espaços de constituição de uma identidade negra positiva ao grupo. Embora existam características que a historiografia convencionou como branqueadoras, a criação de espaços por negros e voltados aos negros demonstram a busca pela exteriorização de uma identidade positiva negra. Porém, esperamos ter explicitado, ao longo desse artigo, que os negros se viam como parte de um todo nacional do qual almejavam fazer parte, porém mantendo suas especificidades e buscando constantemente, através das diferentes etapas históricas, uma condição social que não os avaliasse pela cor de sua pele, mas pela sua capacidade.

Notas

1. A análise aqui desenvolvida é a síntese da pesquisa de mestrado intitulada: “*Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em pelotas (1820-1943)*”, desenvolvida entre 2009/2011 na PUCRS, disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3287. Acesso em 14/09/2011. Todas as fontes que por ventura não estejam devidamente nomeadas no artigo podem ser consultadas na referida dissertação.
2. Fonte referente aos dados das Irmandades: LT-CSFP, 1862, p. 122, p. 119-120; ____, s/d; p.121b.
3. A Irmandade do Santíssimo Sacramento e São Francisco de Paula foi criada em 1812, a fim de gerir a administração da futura Igreja Matriz (NASCIMENTO, 1982).
4. Em 1812, criou-se a *Irmandade do Santíssimo Sacramento e Padroeiro São Francisco de Paula* e em 1829 a *Irmandade de São Miguel e Almas*.
5. De acordo com estudo de Loner (1999), a aposta em loterias disseminou-se em fins dos anos 1870 na cidade, e Karasch (2000) evidencia o recurso à sorte, com as loterias, para as irmandades negras do Rio de Janeiro, o que em muito auxiliou na construção das capelas e igrejas próprias das associações religiosas negras.
6. Os autores que serviram de aporte à pesquisa foram devidamente citados ao longo do texto e encontram-se arrolados nas referências bibliográficas. Ver mais em SILVA, 2011.
7. Este conceito abarca o referencial que toma como padrão a supremacia branca presente na concepção estrutural da sociedade, segundo análise presente em Ware, (2004, p. 16-17). A *branquidade*, segundo o autor, “pode tornar-se invisível para todos os que são apanhados em seu clarão ofuscante [...]. Vista por um ângulo, ela se afigura o estado normal e universal do ser, o padrão pelo qual todo o resto é medido e em cotejo com o qual todos os desvios são avaliados”.
8. A participação da intelectualidade em conferir uma identidade à nação brasileira já vinha ocorrendo desde a Independência do país em 1822.

Fontes documentais e locais de pesquisa

Catedral Metropolitana de Pelotas: Livro do Tombo da Freguesia de São Francisco de Paula.

Hemeroteca da Biblioteca Pública Pelotense: *A Alvorada* de 1931 a 1937 e 1944 a 1949.

Arquivo Histórico da Biblioteca Pública Pelotense: Fundo: Jornais

A Alvorada de 1931 a 1937 e 1944 a 1949.

Referências bibliográficas

- ARRIADA, Eduardo. **Pelotas: gênese e desenvolvimento urbano – 1780-1835**. Pelotas: Armazém Literário, 1994.
- BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Editora da UNESP, 1998. p. 185-228.
- DOMINGUES, Petrônio José. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2005.
- KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LONER, Beatriz Ana. A rede associativa negra de Pelotas e Rio Grande. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antonio dos; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (orgs.). **RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 246-261.
- MAGALHÃES, Mario Osorio. **Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora da UFPel; Livraria Mundial, 1993.
- MELLO, Marcos Antonio Lírio de. **Reviras, batuques e carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas**. Pelotas: Editora Universitária - UFPel, 1994.
- SANTOS, José Antonio dos. **Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária–UFPel, 2003.
- SILVA, Fernanda Oliveira da. **“Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)”**. Porto Alegre: PUCRS, 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.